

Introdução ao Jornalismo Científico | Parte 2

[00:00:11] **Speaker 1** Aproveitando que a gente está falando de artigos, acho que vale muito neste momento uma reflexão sobre os pré-prints. O que são os artigos pré-prints? Nada mais do que, como o nome diz, da tradução literal, são artigos pré-impressão, pré-publicação. Eles foram publicados ou expostos em repositórios on-line antes de serem submetidos aos processos que validam a publicação científica, principalmente a revisão pelos pares, o chamado peer review. Então, quando você vê um estudo pré-print, publicado em um desses repositórios on-line, significa dizer que ele não foi revisado pelos pares, por outros cientistas. Isso invalida os pré-prints, a gente tem que descartá-los como fonte de informação? Não, não invalida, mas significa que a gente tem que ter um cuidado extra para poder fazer o melhor uso possível dos pré-prints. Isso invalida a utilização dos pré-prints pelo jornalista? Não, de forma alguma, mas significa dizer que a gente vai ter que ter um cuidado extra na utilização dos pré-prints.

[00:01:37] Para ilustrar esta questão dos pré-prints, a gente pode dar uma olhada em um exemplo que aconteceu durante a pandemia, um mau exemplo, digamos assim, ou num exemplo de mau uso. É um pré-print publicado por pesquisadores belgas e holandeses, ou vinculados à universidades e instituições da Bélgica e da Holanda, e que foi feito por engenheiros e especialistas em aerodinâmica, não foi feito por infectologistas, virologista e especialistas na área da saúde, principalmente em áreas relacionadas à pandemia. E este paper pré-print, este estudo pré-print, gerou muita mobilização nas redes, saiu em vários veículos de imprensa do Brasil e do mundo. A gente não está aqui para condenar nenhum jornalista e nem para apontar o dedo, a gente está aqui para refletir sobre as melhores práticas em jornalismo de ciência e para a gente construir juntos um jornalismo científico no Brasil, ou um jornalismo no Brasil que aprenda a lidar da melhor maneira possível com a ciência, fazer o melhor uso possível desse tipo de ferramenta. O pré-print, quando bem utilizado, é uma ferramenta importante. Porque? Porque o pré-print veio para ficar, ele já existia antes da pandemia, aconteceu num fluxo infinitamente maior durante a pandemia, e os pré-prints não vão embora quando a pandemia de fato acabar. Qual é o melhor uso, afinal de contas, do pré-print? É tratá-lo como mais uma fonte. Isso já vale para um estudo científico formal e publicado em revista relevante e tal, e revisado pelos pares, mas vale muito mais para o pré-print. Se chegar até você um pré-print que você considera importante para sua apuração, olhe com uma desconfiança maior, entreviste especialistas da área, questione os autores sobre a metodologia, dê uma olhada na formação dos autores para ver se eles são especialistas naquele assunto. Então tome todos os cuidados e encare como mais uma fonte, você não vai fazer uma reportagem baseada em uma fonte só.

[00:04:04] O fato de um estudo ser publicado na revista científica relevante, bem avaliada, por autores importantes, vinculados à instituições de pesquisa reconhecidas, e revisado pelos pares, significa que aquele estudo é infalível, que é impossível que contenha ali um erro? É óbvio que não. Cientistas são humanos e cometem erros. Quando o erro é considerável, digamos assim, pode ocorrer uma retratação. A dica que eu dou para você, quando ocorrer uma retratação de um estudo importante, é que você brigue, junto ao seu editor e sua editora, para que a retratação tenha o mesmo espaço que a reportagem de cobertura do estudo teve. Isso é muito importante, porque quando o jornalismo dá, por exemplo, na TV, dá o espaço ali de quatro minutos para uma reportagem grande sobre um determinado estudo e ele passa por retratação e a retratação ganha uma nota de rodapé ali, dita pelo âncora durante a apresentação do jornal, a gente está gerando, de certa forma, um desequilíbrio grande, e isso impacta o público. Então é importante que a gente vá, aos poucos, desenvolvendo essa cultura no Brasil, de cobertura da retratação

de estudos relevantes - já acontece, é claro, os principais jornais já fazem isso, mas não sempre. Isso precisa acontecer com uma frequência maior.

[00:05:43] Outra reflexão importante para a nossa aula inaugural é sobre as diferenças entre comunicação, divulgação da ciência, e jornalismo. Isso é muito importante porque a ética da comunicação entre essas duas áreas é diferente. É fundamental que a gente reflita e compreenda o papel do jornalismo e do jornalista perante o cientista. Ao longo da pandemia, por tudo o que tem acontecido no Brasil, mas eu tenho certeza que essa reflexão vale para outros países, pelo contexto político no Brasil, os cientistas foram elevados a uma posição de enaltecimento, justamente pelo negacionismo praticado pelo governo brasileiro, pelo combate do governo brasileiro às medidas sanitárias baseadas em ciência e que precisavam ser tomadas num tempo rápido e não foram. Por tudo isso que aconteceu no Brasil, os cientistas passaram a comunicar diretamente o seu conhecimento, as suas preocupações e suas recomendações. A gente vive um momento de enaltecimento da ciência, e os cientistas merecem toda a nossa admiração, no entanto, o repórter, o jornalista, não deve endeusar o cientista, deve tratar o cientista como fonte, da maneira mais respeitosa possível, é claro, mas não importa se é um cientista mundialmente conhecido, que publica na Science e na Nature, e que dá entrevistas regulares nos principais veículos de comunicação do Brasil - eloquência no discurso não se sustenta sem dados, evidências e informações que confirmem aquilo que o cientista está falando. Ao agir desta maneira, a gente cumpre o nosso papel e assume a nossa responsabilidade perante o público, perante a sociedade, que é a quem nós devemos prestar contas, e não aos cientistas. Da mesma maneira que a gente fiscaliza a ação de um agente público, por melhor que o agente público seja, a gente também deve ter essa posição perante a ciência e o cientista.

[00:08:04] Bom, a gente caminha para o final da aula, mas antes de finalizar é importante a gente dar uma olhada em algumas dicas que são bem práticas, simples e fáceis de executar, que fazem uma diferença enorme no dia-a-dia do repórter. É importante que você tome cuidado com press release sobre um determinado estudo. O press release muitas vezes não é escrito por jornalistas de ciência. Às vezes sim, mas nem sempre, e acaba enaltecendo - mesmo quando escrito por jornalistas de ciência - pode acabar enaltecendo alguns aspectos do estudo em detrimento de outros. Então não construa reportagens baseado em press release, vá ao estrudo. Uma vez no estudo, comece pela conclusão. É importante também ler a introdução e, claro, quanto mais você ler do estudo, melhor você vai compreendê-lo, mas às vezes você está lidando com uma pauta complexa, tem que ler vários estudos, então precisa dar uma passada de olho em alguns estudos. Essa regra da conclusão e da introdução não é o ideal, obviamente, mas ela pode te ajudar, por exemplo, no preparo para uma entrevista. Também é importante a gente refletir sobre as estatísticas nos estudos, ainda mais nesses tempos de jornalismo de dados e visualizações de dados no jornalismo. Embora às vezes aconteça de algo ser estatisticamente relevante em um estudo e também jornalisticamente relevante, nem sempre é o caso, às vezes é um recorte muito específico de uma determinada área e que não necessariamente aquilo se aplica ao interesse social, ao interesse do público. Outro aspecto que eu considero bastante relevante: não tenho medo de perguntar. É claro, se você for despreparado para uma entrevista com um cientista ou com uma cientista, essas pessoas vão se dar conta, isso nunca é bom. Mas não existe pergunta tola. Não tenha medo de questionar e dizer "Eu não entendi aquele dado, eu não entendia aquela afirmação que está no estudo ou, por que isso é importante". É muito importante que você dissolva suas dúvidas para repassar a informação, para transmitir informação da maneira adequada. Essa última dica é extremamente valiosa e sugiro que você aplique sempre na sua prática do jornalismo de ciência.

[00:10:34] Não deixe de entrevistar especialistas que sejam de fato especialistas naquele determinado assunto e que não sejam autores do Paper que você tem em mãos na apuração da sua sua reportagem. Isso é muito importante porque não é incomum, repórteres de ciência que estejam presentes aqui no curso podem compartilhar, histórias em que você conversa com uma fonte, um especialista, não-autor, e ele aponta que aquele estudo tem problemas, que aquele estudo está chegando a uma conclusão que é extremamente questionável por tais razões. E aí, se você vai conversar com uma segunda fonte com essas mesmas características: reconhecidamente um especialista na área e ele fala a mesma coisa, ele ou ela, aí você tem que ficar bastante atento para ver se não é o caso de derrubar a pauta, ou de não basear a sua pauta naquele determinado estudo. Se você quiser ser extremamente cuidadoso, cheque com uma terceira fonte independente, ou ainda você tem a opção de levar isso ao conhecimento da principal autora, do principal autor, do estudo e ouvir o que o cientista tem a dizer. É claro que nesse caso você deve se preparar porque nem sempre os autores reagem da melhor maneira às críticas que podem ser bem intensas na ciência.

[00:12:07] Bom, a gente vai chegando ao final da primeira aula. Se você seguir essas dicas, sugestões e reflexões sobre a prática do jornalismo científico, eu tenho certeza que você vai sentir o efeito disso no seu trabalho. Eu agradeço muito a essa companhia, te vejo na aula 2, até lá.